



SÉTIMA QUESTÃO GNÓSTICA

O que os Jessênios acham da Teosofia? Qual a sua opinião sobre a Sociedade Teosófica, sobre Helena Blavatsky? O que acham de outras Ordens, como por exemplo, a Rosa-Cruz? Vocês induzem os seus membros a não participarem de outras Ordens esotéricas ou exotéricas?

Lívia América Souza de Aguiar – Ribeirão Preto –SP

Cara amiga Lívia. Os jessênios respeitam qualquer manifestação da Verdade e buscam não fazer distinções entre as muitas organizações esotéricas que foram criadas para acolherem essas manifestações. Esotéricas ou exotéricas, quaisquer das muitas organizações são vistas com neutralidade, carinho e merecida respeitabilidade.

Não achamos elegante ou nobre a atitude de proibir ou mesmo induzir a não participação de um pesquisador esotérico em outras Ordens ou Grupos. Nenhuma organização pode tomar o direito dos seus membros de pesquisarem livre e conscientemente a Verdade, ou lançar sobre eles sombras de anátemas, de ameaças, de constrangimentos ou de restrições. Isso não condiz com o nobre e elevado espírito de fraternidade e de respeito à liberdade de consciência que certamente caracterizam as Ordens esotéricas ou Organizações semelhantes.

Mas, antes que você nos escreva novamente argumentando que conhece algumas organizações que escancarada ou sutilmente constroem ou ameaçam os seus participantes no tocante a não tentarem multiassociações, nos adiantamos dizendo que também conhecemos essa lamentável e muito pouco esotérica atitude de alguns. Eles diminuem o espírito de uma Ordem, reduzindo-o drasticamente ao de uma agremiação partidária “espiritual”, o que fere a sensatez que normalmente se espera de homens que se dizem buscadores livres e nobres da Verdade. Não nos detenhamos com esses irmãos e sigamos para respondermos às demais questões propostas por você.

Com o nome de Teosofia entendemos aquela ciência proposta por Jacob Boehme e seguida por seus discípulos a partir do século XVII d.C., que consiste em uma sabedoria revelada por Deus, daí a palavra ter em grego a significação de Teo (Deus) e Sophia (Sabedoria). Para Boehme a Teosofia reúne a *Teologia* ou o Conhecimento direto de Deus por meio de iluminação e revelação, o conhecimento da *Astrologia*, ou seja, dos eflúvios que os Planetas e as Casas Zodiacais emanam quando estão sob o trabalho cósmico do Messias e de Seus Anjos, eflúvios esses que os discípulos podem assimilar como alimento santo por meio da Água Batismal e das Refeições Sagradas que a segue, bem como pelo poder das Unções Sacerdotais, da *Angelologia*, ou seja, da ação salvífica específica que homens e Anjos realizam com a inteira ajuda do Messias, da *Mantr sofia*, ou seja, da ciência da audição pura e atenta dos ensinamentos bíblicos e dos grandes sábios da história cristã, audição essa que redunde em um convívio discipular com a Palavra da Deidade em seu aspecto mágico criador e transformador, ciências essas que perfazem a prática diária de quem deseja transformar-se de perfeição em perfeição, de glória em glória, até a estatura de homem-anjo de vida imortal.

Alguns teosofistas do século XVII propuseram uma verdadeira *Pansofia* (filosofia universal) para a Europa, segundo a qual todas as Universidades de ensino deveriam respeitar

a Alquimia, os ensinamentos de Hermes Trismegistos, de Platão, de Pitágoras, o Cristianismo Gnóstico, em especial o professado pela Maçonaria e pela Rosa-Cruz, os ensinamentos de Paracelso como Vera Medicina, as Matemáticas, a Lingüística, a Música como arte da alma e as religiões como expressões simples da fé popular. A partir dessa perspectiva pansófica, a Europa deveria tornar-se um lugar de paz, de harmonia entre seus povos e de cultivo das virtudes verdadeiramente cristãs e de estudos acadêmicos voltados para o bem da alma e do corpo do homem.

Um desses defensores da Pansofia foi João Amós Comênio, do antigo reino da Moravia, nascido em de Março de 1592. Ele escreve no seu *Didactica Magna*: “A Igreja deveria ser uma nova plantação edênica, um paraíso para os homens lançados para fora do primeiro Éden, onde diversas novas árvores deliciosas brotariam, cada uma com seu fruto e natureza específica, mas, como inúmeras vezes lamenta as Escrituras Santas nos profetas, essa Igreja, em seus múltiplos ramos e correntes, torna-se uma nova plantação abastarda. As Sagradas Escrituras, como dissera antes, está repleta de queixas quanto a isso. Tantos são os erros, e de tal modo infundados, que até *a verdadeira sabedoria é uma aflição do espírito e multiplica a indignação e a desgraça*. Na verdade, quanto ao espírito e os objetos dessa sabedoria, nada há que esteja no seu devido lugar e estado. Nada há em parte alguma. Tudo está invertido ou estragado, tudo está destruído ou arruinado. No lugar da inteligência, pela qual deveremos igualar os anjos, está, na maior parte de nós, uma estupidez tão grande que, precisamente como os animais brutos, ignoramos até as coisas que mais necessidade temos de saber. No lugar da prudência, pela qual, sendo nós destinados à eternidade, devemos nos preparar para a eternidade, está um tão grande esquecimento, não só da eternidade, mas até da morte, que a maior parte dos homens são presa de coisas terrenas e passageiras e até de iminentíssima morte. Resta-nos um conforto: que Deus costuma, de tempos em tempos renovar, aqui na terra, a sua Igreja, e transformar desertos em jardins de delícias. Nesse sentido reconforto-me em seguir as Escrituras, em seus primeiros ensinamentos, de que para corrigir a corrupção humana não há outro melhor meio que o de dar uma reta educação aos jovens.

“Em razão disto, que todo aquele que tiver um conselho bom, e uma instrução saudável, em qualquer parte do mundo, e tiver um modo melhor de conduzir a juventude, que exerça a sua arte junto comigo. Por isto convoco os governantes da Terra, e também os ministros do Deus Altíssimo, a fazerem essa grandiosa ação conjunta, propiciando que a obra de Deus vá adiante e bem, para desenraizar, destruir, dissipar e exterminar o mal, e para exaltar e plantar o bem.”

João Amós Comênio teve ligação com Johann Valentin Andreae, alemão que buscou um modo pansófico de união dos povos, e cujo nome estava ligado diretamente aos Manifestos Rosacruses, sendo considerado o autor do magnífico livro *Bodas Alquímicas de Cristão Rosacruz*.

A Rosa-Cruz foi, sem dúvida, a alma e o grandioso espírito dinâmico da Pansofia ou Teosofia, e é nela que vamos encontrar a base doutrinária cristã de uma reforma humana voltada para a paz e bem entre os séculos XVII e XXI.

Quanto à russa Helena Petrovna Blavatsky, sob cuja mui prodigiosa pena surgiu uma nova plantação teosófica, precisamos ver nela uma incansável buscadora da Verdade e uma personalidade que marcou profundamente o século XX.

Embora a sua Teosofia fosse claramente hindu, e enfronhada no budismo esotérico, no monismo bramânico, e que sob a linha de seus esforços tenha havido alguns percalços graves, como o caso do jovem hindu Krishnamurti, sob cuja imposição Rudolf Steiner se separou da Sociedade Teosófica para fundar a Antroposofia, não devemos considerar, como alguns, aquela Sociedade Teosófica como uma falsa organização esotérica. É em razão dela, e pelos seus esforços, que temos o grandioso aparecimento de Rudolf Steiner, e neste vamos ver reacender uma chama rosa-cruz pansófica como a que patrocinou Johann Valentin Andreae e João Amós Comênio, que fundou a Escola Antroposófica de educação da juventude, onde os princípios pansóficos rosacruzados podem ser achados numa medida útil para a humanidade.

Para os jessênios o século XX foi um terreno onde a Luz semeou a realização de muitas antigas profecias, e Blavatsky, Rudolf Steiner, Krishnamurti, Jan Van Rijckenborgh, Max Heindel, bem como outros nomes, são agricultores que devem ser profundamente respeitados em seus esforços, sob cujas mãos essas profecias chegam, agora, no século XXI, como perspectivas pansóficas magníficas.

Talvez seja necessário defender, nesse começo de novo milênio, novamente a idéia pansófica de João Amós Comênio e dos Rosacruzados europeus do século XVII, dizendo fundamentalmente aos grupos e ordens esotéricas modernas que o espírito pansófico vai em direção contrária e mui nobre a daquela que pretende fazer das organizações esotéricas agremiações isoladas e partidárias, muradas de uma espécie de proteção parecida com o xenofobismo, cujos resultados práticos são as proibições, restrições ou mesmo frontal agressão ao membro que participa de mais de uma ordem.

No espírito pansófico dos jessênios está um fundamental esforço pela verdadeira educação do homem, e um respeito grandioso pelo trabalho de toda e qualquer organização, quer seja esotérica, social ou religiosa, que labuta em prol de uma humanidade verdadeiramente dirigida para o aperfeiçoamento espiritual do homem.

Os jessênios, em seus graus mais internos, prezam pelo que denominam *amizade gnóstica universal*. Desde os primeiros graus os aspectos cármicos da inimizade gnóstica é fundamental e esotericamente estudado tanto no ensino escrito quanto no oral, pois o aluno jessênio precisa manter no seu espírito a idéia de fraternidade como verdadeiro cristianismo.

A alma da Terra é Mãe, o homem, a inteira humanidade, no dom materno da Terra, é uma associação única de filhos. Nesse dom não há distinção alguma quanto ao amor, e há um respeito profundo quanto aos graus diferenciados de qualidade e de natureza, desde que sejam todos representantes do Bem Supremo.